

# **O SIGNIFICADO DA AUSÊNCIA PATERNA PARA ADULTOS. UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO E EXISTENCIAL**

Gustavo Alvarenga Oliveira Santos

## **Resumo**

Esse estudo tem por objetivo discutir com base na psicologia existencial o significado da ausência paterna para adultos. Para tal, foi realizada uma entrevista aberta com 5 sujeitos adultos, sendo três do sexo feminino, e dois do sexo masculino. A análise dos dados foi feita segundo os critérios da pesquisa fenomenológica sendo levantados os seguintes temas invariantes: A falta de um pai, a relação com a mãe, as figuras substitutas, a relação com o sexo oposto e a superação. Esses temas foram discutidos segundo o referencial teórico da Psicologia Existencial Fenomenológico. Segundo esse referencial traça-se uma relação entre o significado da ausência paterna e o projeto existencial, valendo-se, para tal, dos conceitos de angústia normal e patológica.

**Palavras-chave:** Relações Familiares, Pai, Psicologia Existencial, Angústia, Família Monoparental.

## **SANTOS, G.A.O (2004) THE MEANING OF FATHER ABSCENSE FOR ADULTS SUBJECTS: A PHENOMENOLOGICAL STUDY**

### **Abstract**

This dissertation has for objective discuss, based in the existential psychology, the meaning of the father absence for adult subjects. For such, an open interview was made with 5 adult subjects, being three female, and two male. The data's analysis was made accord criteria from phenomenological research being surveyed the followings invariables themes: the missing of a father, the relation with the mother, the substitute figures, the relation with the opposite sex, and the surmount. These themes were discussed accord with the theoretical referential of the Phenomenological Existential Psychology. Accord with this referential its plotted a relation between the meaning of the fatherly absence and the existential project, taking and hand, for such, from the concepts of normal and pathological anguish.

**Key-words:** Famial Relationship, Father, Existential Psychology, Anguish, Single-parent family.

### **1-) PROBLEMÁTICA:**

A pesquisa tem como tema: O Significado da Ausência Paterna para Adultos e faz parte da dissertação de mestrado defendida em 2003 na PUC Campinas.

### **2-) METODOLOGIA**

Foram entrevistados 5 sujeitos que serão nomeados aqui pelos nomes fictícios como Daniela, Juarez, Leonardo, Ana e Luiza. O método de pesquisa escolhido para esse estudo foi o fenomenológico do tipo empírico, conforme apontado por Amatuzzi (1996). Essa modalidade de pesquisa fenomenológica tem por objetivo chegar à estrutura do vivido, ou seja, auferir os significados da experiência do sujeito, a partir de seu depoimento.

Nessa pesquisa, optou-se por colher os depoimentos de sujeitos adultos que não tiveram, durante sua infância e adolescência, uma convivência significativa com o pai. E saber deles, qual a sua experiência disso.



O depoimentos foram colhidos na forma de uma entrevista fenomenológica, em que, a partir de uma pergunta disparadora, buscaram-se, a partir de questionamentos e esclarecimentos adicionais, as experiências do sujeito em relação ao fato de não ter tido pai. A pergunta disparadora será: “Estou fazendo uma pesquisa sobre pessoas que não tiveram o pai. Aí, eu queria saber de você. Como é para você não ter tido pai? Como você se sente?”.

A pergunta disparadora deve “...ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, ampla o suficiente para que ele escolha por onde quer começar.”(Szymanski ,2000:201).

A entrevista foi gravada em fita cassete e depois transcrita integralmente.

Depois da entrevista e de uma primeira leitura dos relatos com a postura descrita acima, é que, num segundo momento, adota-se uma outra postura, também descrita por Forghieri, como sendo a do distanciamento reflexivo (ver Forghieri, 1996). Aqui, o pesquisador se afasta reflexivamente do imediatamente dado para poder intuir os significados expressos pelo depoente.

Feito isso, sintetizam-se os diferentes núcleos de significado auferidos, em linguagem psicológica. Esse procedimento será repetido com os outros sujeitos da pesquisa, até se atingir um número que atenda ao critério de saturação. Ou seja, até que os temas auferidos comecem a se repetir, de tal forma que não haja mais necessidade de se buscarem relatos, pois eles seriam redundantes.

Dessa forma, pretende-se chegar a experiências comuns em relatos de sujeitos adultos, que não tiveram o pai durante a infância e adolescência.

Chegando a esses núcleos comuns, será discutido como esses estudos se relacionam com os estudos recentes e antigos sobre ausência paterna, bem como suas contribuições referentes a esse campo de estudo.

### **3-) RESULTADOS**

Alguns modelos e funções foram atribuídos pelos sujeitos de serem propriamente paternos. Destacam-se dos depoimentos, pelo menos quatro: 1 – Provedor; 2 – Modelo de Racionalidade 3- Modelo de disciplina; 4 – Modelo de Masculinidade.

Esses modelos atribuídos ao pai e sentidos como faltosos na experiência dos sujeitos entrevistados foram, de alguma forma, superados em outros modos de relação.

No caso do provedor, embora relatem sentirem dificuldades na manutenção financeira da família, as pessoas entrevistadas encontraram formas de se proverem, seja pela mãe, seja trabalhando cedo.

A racionalidade paterna foi substituída em muitos casos por bens culturais disponíveis para isso, bem como buscada em outras pessoas ditas mais racionais.

Sobre a questão dos limites, a falta do pai acabou trazendo modos de autodisciplina que se contrapuseram à necessidade de uma punição externa e autoritária. E enquanto modelo de masculinidade, outras figuras, como homens mais velhos e heróis do cinema acabaram por exercer esse modelo.

Quando a estrutura nuclear de família tipicamente burguesa não se encontra satisfatoriamente realizada, outros recursos sociais são utilizados pelos sujeitos na busca desses modelos. Assim, há uma flexibilização nos modos de relação que não necessariamente devem estar baseados no pai, enquanto executor exclusivo das funções supracitadas. Aliás, em muitos casos, foi relatado que a ausência dele possibilitou um desenvolvimento das autopotencialidades, uma vez que, sem os recursos advindos do pai, os sujeitos tiveram que se virar por conta própria

busca autôctone de recursos que pudessem suprir essas faltas.

Assim, trabalhar mais cedo responde à questão do pai enquanto provedor, à busca dos estudos e de certa racionalidade como uma via de suplantar a racionalidade perdida. Isso se torna muito evidente nos depoimentos de Daniela e Leonardo. Nesses depoimentos, a questão da disciplina foi buscada por conta própria com ajuda de leituras e orientações de pessoas mais velhas e os modelos de masculinidade foram de alguma forma superados nas relações com as figuras do sexo oposto que apareceram como satisfatórias e nos modelos culturais.



Interessante perceber o papel das relações culturais como possíveis substitutos dos modelos ditos como paternos. Entende-se que isso tem o sentido de desvelar como a sociedade evoluiu em termos de aparelhos mediadores, tendo assim o sentido de servir como modelos, parâmetros e modos de relação. Em torno dessa discussão, realiza-se a obra de Lasch (1977), onde o autor discute de que forma os atributos da família passaram, a partir da revolução industrial, a ser paulatinamente substituídos por aparelhos extrafamiliares. Sobre essa questão, o mesmo autor afirma:

“Toda a existência do cidadão tornou-se agora sujeita à direção social, cada vez menos mediatizada pela família ou outras instituições às quais o trabalho da socialização estava confinado antigamente. A própria sociedade assumiu este encargo, ou então passou a controlar mais efetivamente a socialização familiar. Com isto, ela minou a capacidade de autodeterminação e de autocontrole, solapando uma das principais fontes de coesão social, apenas para criar novas formas, mais constrangedoras do que as antigas e, em última análise, mais devastadoras em seu impacto sobre a liberdade individual e política.” Lasch (1991:240)

Lasch (1991) afirma que as antigas formas de socialização outrora destinadas à família e à escola passaram a ser feitas pelas instituições criadas para dar conta das relações interpessoais, auxiliadas pela mídia e outros mecanismos de controle do mundo privado.

Dessa forma, viu-se que nos depoimento, os sujeitos recorreram a livros e filmes para tratar de questões, segundo eles, relativas ao pai, como orientação sexual, modelo de masculinidade, orientação para a vida, etc.

Por outro lado, observou-se também que a figura do pai pode, de alguma forma, ser substituída por outras relações pessoais. E nesse caso, surgem nos relatos, pessoas mais velhas e experientes. Nesse sentido, como bem ilustra o depoimento de Ana:

“Exatamente com 7 anos de idade, eu conheci essa menina na escola, nós somos amigas até hoje. Eu passei a freqüentar muito a casa dela, porque minha mãe trabalhava muito, minha mãe fazia às vezes de pai e mãe, ela sustentava a casa, trabalhava muito, trabalho de manhã, à tarde, à noite. Tava sempre muito atarefada, eu freqüentava muito a casa dessa minha amiga. E lá era aquela família tradicional bonitinha, o pai trabalhava o dia inteiro... eh... a mãe era a dona de casa cuidava dos filhos, quando eu voltava da escola com ela na casa dela, às vezes, a mãe estava, preparando o almoço. Eu almoçava lá, à noite às vezes eu ficava com ela, lá na casa dela, o pai dela ia me levar pra casa.e ia pra casa dela. Então era aquele pai, um modelão né? Eu o respeitava muitíssimo... Ele era bastante rígido, na educação dos filhos dele, e eles me incluíram como filha, praticamente na família deles né? Isso pra mim foi bastante importante, pra pensar.. eh.. que família gostaria de ter, não a família que ele tinha, porque eu não tinha uma família daquelas, apesar de eu conviver naquela casa, como se fosse uma filha mesmo, eu era amiga da família delas, mas eu sabia que aquela família não era a minha, mas aquela família, era a família que eu almejava. Eu queria ter uma família daquele jeito pra mim, eu queria casar, ter um marido assim, filhos assim, constituir aquela família bonitinha. Então foi muito, muito importante como modelo, mesmo né?”

A convivência de Ana com a família da melhor amiga acabou por suprir certo vazio que ela sentia em relação à sua família original e também como modelo de vida familiar. Nota-se que aqui o pai aparece valorizado por ser rígido na educação dos filhos. Dessa família, Ana retira os modelos de vida familiar que vão, de alguma forma, repercutir depois na formação de sua própria família.

Em outros depoimentos, outras pessoas significativas fizeram a vez daquilo que os sujeitos nomearam como sendo funções específicas do pai, fornecendo pistas para se pensar que a constituição do sujeito, razoavelmente saudável, se dá mais na qualidade de relações que ele tem no mundo, do que propriamente, na presença formal do pai na família.



O estudo de Wagner et al. (1999), explorando adolescentes de distintas configurações familiares, incluindo aqui, as de pai ausente, não encontra diferenças significativas entre esses em relação ao projeto vital, preferindo os autores destacar que:

“...mais que pertencer a um ou outro sexo ou a uma configuração familiar distinta do modelo original, a qualidade do relacionamento familiar, da compreensão das exigências da fase adolescente e da nova dinâmica social parecem ser fatores preponderantes na formação do adolescente nos nossos dias.” Wagner et al. (1999:110)

O estudo de Mason (1994), avaliando problemas de comportamento entre adolescentes de famílias de pai ausente na cidade de Seattle, nos Estados Unidos, conclui que, embora o fator ausência do pai seja preditivo de comportamentos problemáticos, uma significativa relação com a mãe atenua esse efeito. Nesse estudo, observa-se que, de alguma forma, o que entra em jogo na constituição do sujeito é a qualidade das relações.

Nos dizeres de Berger & Luckman (1973), são os outros significativos que, de alguma forma, podem propiciar certa segurança ontológica para as relações da pessoa no mundo. Esses outros surgiram nos depoimentos de diferentes formas e foram nomeados como tendo sido de suma importância para a formação dos sujeitos.

A questão que se sobressai no relato dos sujeitos diz de uma certa oscilação entre se sentir seguro ou inseguro ontologicamente. Segundo Laing:

“Uma pessoa ontologicamente segura enfrentará todos os riscos da vida – sociais, éticos, espirituais e biológicos – com um firme senso da própria realidade e identidade, assim como a dos outros. Laing (1969:41)

Nos relatos, aparece certa insegurança em relação àquilo que os depoentes elegeram como função do pai. Por outro lado, essa insegurança foi em parte suprida nas relações com os outros significativos, que embora não fossem pai, exerceram para os sujeitos, as funções que eles elegeram como sendo as do pai.

Para os depoentes, se eles tivessem essa pessoa nomeada culturalmente como pai exercendo essas funções, eles se sentiriam mais seguros em relação aos setores da vida em que o pai se faz importante. Essa insegurança, segundo os relatos, aparece na vida adulta de diferentes formas: um lado obscuro que atormenta Daniela, um certo receio em constituir uma família no depoimento de Leonardo, o receio das relações afetivas com os homens como em Luiza e Ana e o sentimento de desprivilégio social no relato de Juarez.

Essa insegurança, esse vazio sentido são prontamente remetidos ao pai, ao mesmo tempo servindo como base para um projeto de vida que os sujeitos tendem a construir e realizar. Cabe perguntar se esse projeto não é de alguma forma, um substituto precário da ausência paterna, ou se não são, eles mesmos, anseios comuns dos sujeitos da sociedade contemporânea. Ou seja, pode-se afirmar, com base nos depoimentos colhidos, que o significado da ausência paterna seria o de construir um projeto existencial que supere essa ausência com base naquilo que foi considerado como faltoso; ou a superação da ausência não seria senão uma forma que os sujeitos encontraram de nomear seus projetos existenciais, que não são em nada substancialmente diferentes daqueles projetos de pessoas de família de pai presente, não sendo assim, uma maneira de compensar a falta do pai!

Para tal se deve tecer uma articulação entre projeto existencial e o significado do pai, para poder compreender de que forma essas duas coisas se articulam e podem auxiliar a compreender os projetos existenciais em relação à ausência paterna.

#### **4-) DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.**

Para Sartre, todas as escolhas do sujeito no mundo referem-se ao seu projeto original. Esse projeto vem, segundo ele, da frustração humana em não ser Deus, ou seja, não ser o fundamento de seu próprio Ser. Assim, o para si (ser humano) lança-se em suas escolhas, não tendo em seu poder, seu próprio fundamento. Nesse sentido, essa escolha é nada. Ou seja, é um projeto que se faz no intuito de se criar a si mesmo e que, por outro lado, nunca alcançará a plenitude desse si mesmo, ver (Sartre, 1997).



Outrossim, não se pode presumir por que um sujeito escolheu entre um determinado projeto e não outro, uma vez que não são os motivos que determinam essas escolhas, mas, pelo contrário, as escolhas é que elegem os motivos na tentativa fútil, como já foi dito, de se autofundamentar.

Tendo isso em vista, no projeto existencial dos sujeitos entrevistados, suas escolhas foram empreendidas enquanto projetos de sua realização pessoal, não sendo motivadas pela ausência do pai, mas de alguma forma elegeu-se sua ausência como quem motiva essas escolhas. A ausência do pai aparece como que obstaculizando os projetos que essa pessoa busca, bem como sendo possíveis de serem ultrapassados, assim como o foram.

Elegeu-se então o pai como aquele que deveria propiciar uma segurança aos sujeitos entrevistados que os auxiliasse na realização de seus projetos de vida. Como ele não apareceu, os sujeitos tiveram que, por conta própria, dar conta dessas realizações, escolhendo para isso outras relações, que não aquelas com a figura do pai.

Assim, o significado do pai é de modelo, ou seja, um Outro que pode me guiar em relação a certas condutas, atitudes e ações no mundo. Não é de se estranhar que esses modelos que os sujeitos provenientes de família de pai ausente adotam, sejam já culturalmente instituídos como funções do pai dentro de um contexto familiar nuclear.

Sobre o aspecto da racionalidade, os sujeitos disseram se sentir desprovidos de um modelo de conduta mais racional e que, destarte, acabaram por desenvolver certa racionalidade apoiados em outros. Recorrendo ao depoimento de Daniela:

“A minha mãe vem das artes plásticas, o meu pai vem da engenharia mecânica (risos) , então eu fui fazer biologia... então... eu sinto assim, muito isso assim da minha mãe da das coisas da sensibilidade dela, às vezes algumas coisas se manifestam, às vezes eu percebo que eu tenho alguma, não do jeito dela... mas de um outro jeito muito parecido com ela e sei que tem um lado racional que foi esse que me fez fazer biologia depois eu me arrependi amargamente que vem de outra... sabe... vem de outro lado assim.... ela tem... um jeito de organizar , ela meio, sei lá... extremamente emocional e passional, sabe aquela coisa assim.. e tanto que nas discussões deles eu não sinto muito....eu não consigo entender o que se passa... por que justamente minha família tá muito carregada desse passado que eu não conheço. Então as discussões deles, às vezes eu não entendo cara. Por que vem dessa época que eles moravam em São Bernardo e a intimidade deles... e todo esse passado”

Daniela vê na Biologia um lado racional que herdou do seu pai, que ela só conhece por fotos. Sua racionalidade é atribuída ao pai, embora nunca tivesse tido nenhuma relação significativa com ele. Dessa forma, um projeto é construído, mesmo sem a presença do pai, mas de alguma forma como busca de um lado paterno que ela sente como faltoso. Daniela projeta seu pai num modo de relação racional com o mundo, tendo, sem dúvida, outros modelos de racionalidade em que se apoiar, mas, de alguma forma creditando esse modelo a seu pai.

Cabe ressaltar que Daniela nomeia sua falta de pai como um lado obscuro dela, que ela não sabe o que é, que não vem totalmente dele, mas que ele, de alguma forma, supriria.

O modelo de racionalidade é identificado com o pai, embora não apropriado da relação com ele. Daniela contrasta suas experiências extrafamiliares, nas quais se apropriou de modelos racionais de conduta, com as experiências da família de sua mãe. Seu projeto existencial vem ao encontro de uma busca de racionalidade que sente que lhe faltou na família.

Segundo Juarez, o pai seria aquele que o ajudaria a impor a necessidade dos estudos. No entanto, ele teve que se virar por conta própria e acabou trabalhando cedo. Os limites e a disciplina que o pai ajudaria a manter, ele mesmo foi construindo, nunca se desviando do caminho correto. Dessa forma, embora se sinta um tanto desprivilegiado por não ter curso superior, ainda se sente satisfeito de, com rigor e disciplina, ter construído o que tem hoje: um pequeno comércio de bairro e uma família de que se orgulha.

O modelo de disciplina que diz ter-lhe faltado por não ter tido uma relação com o pai deixou seqüelas quanto ao fato de não ter estudado, porém não lhe faltou ordem para o trabalho.



A disciplina pode ser apropriada em outros modos de relação, entretanto a ausência de seu modelo pode deixar seqüelas difíceis de se reaver depois, como explícito no depoimento de Luiza, em que as irmãs acabaram por terem sido capturadas por modos de relação não muito adequados, ficando grávidas precocemente.

O caso de Ana talvez seja o mais ilustrativo, no aspecto das relações com o sexo oposto, tendo ficado temerosa em repetir o modo de relação que o pai tivera com a mãe, apoiada no modelo da família da amiga. Ela projeta uma família aos moldes da última, conseguindo dessa forma, segundo ela, superar um destino que lhe seria, de todo modo inescapável, qual seja --- o de nunca mais confiar em homens. No entanto, um bom marido lhe aparece e ela constitui uma família “certinha”, segundo suas palavras.

Assim, pode-se presumir que muitos dos projetos existenciais têm como base suprir a ausência do pai, buscando modos de relação que não se coadunam com os modelos deixados por essa ausência. A tentativa é de encontrar esses modelos em algum lugar, buscando construir um modo de relação que não o da família de origem. Busca-se, de outros modos, o que falta no pai. Isso pode exigir um esforço por parte do indivíduo, em encontrar esses modelos, muitas das vezes, acabando por buscá-los em outras relações. Caso tivessem um pai presente, e nesse sentido, um pai que oferecesse esses modelos, grande parte dessa angústia seria suprida; por outro lado, a possibilidade de escolha de outros modelos também se reduziria.

Assim, o significado da ausência paterna em relação ao projeto existencial encontra-se no paradoxo entre a liberdade e a angústia. Quando é mais angustiante, desvela-se mais o vazio, acarretando em insegurança; por outro, se a angústia for encarada, o sujeito amplia seu espectro de liberdade, aumentando assim suas possibilidades de escolha. (ver May, 1973)

Cabe aqui diferenciar a angústia normal da angústia neurótica, segundo o que foi sugerido por Tillich (1992), e trazido para a Psicologia por May. A angústia normal ou ontológica relaciona-se com a finitude humana:

“Cada ser humano sabe que morrerá, embora ignore quando; prevê a sua morte através da consciência de si mesmo. Enfrentar essa angústia normal de finitude e morte pode ser, de fato, o mais eficaz incentivo de um indivíduo para tirar o máximo proveito dos meses e anos, antes que a morte o abata.”

May (1973:89)

Dessa forma, dar conta de si mesmo no mundo exige um enfrentamento dos temas que perpassam a finitude humana e dentre eles se encontra o desamparo e a insegurança. Temas esses que apareceram de forma contundente no relato dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa.

No entanto, a angústia normal pode evoluir para a angústia neurótica, quando os temas ontológicos que deflagram a primeira são evitados e o sujeito acaba por seguir um modo restrito de Ser. No caso dos sujeitos provenientes de lares monoparentais femininos, como no caso dessa pesquisa, seria como evitar o desamparo sofrido em relação à ausência paterna, acabando por desenvolver mecanismos de evitação do enfrentamento da angústia normal.

Nos depoimentos coletados, alguns desses mecanismos da angústia neurótica foram tratados pelos sujeitos, aparecendo ora implícitos nas falas, ora como alusão a um determinado modo de relação visto como indesejado.

Um projeto existencial que usufrua da liberdade de escolha inerente a todo ser humano deve incorporar essa angústia normal dentro de si e tender a escolhas que estejam consoantes aos propósitos do sujeito para sua vida. A formulação desse projeto é livre e a ausência paterna pode cercear a liberdade na medida em que ela fragiliza o sujeito, deixando-o sem modelos e referências para o seu ser-no-mundo. Ou, de alguma forma, ela aparece enquanto algo a ser unicamente superado. Desse modo, o sujeito pode restringir sua vida a buscar esses modelos cerceando, assim, sua liberdade.

Por outro lado, os depoimentos revelam que, ao se tornarem cômicos do que o pai representaria para os sujeitos, eles tendem a erigir projetos livres e significativos para suas vidas. E nesse sentido, as relações com pessoas significativas que esses sujeitos tiveram, tornam-se importantes.

Os desafios que essa dissertação coloca frente às famílias monoparentais femininas bem como a outras modalidades familiares, tendem a se ater aos papéis eminentemente formais



e ideais sobre os modos de sua organização e à inserção do indivíduo na mesma. A questão da constituição do sujeito apela mais à qualidade das relações afetivas que o mesmo possui com os outros significativos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMATUZZI, M.M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. Vl. 13. n. 1 p. 5-10. PUCCAMP.

AMATUZZI, M.M. (2001). Por uma psicologia humana. 1 ed. Campinas-SP. Alínea Editora.

ARIÉS, P. (1978). História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro-RJ. Zahar Editores.

BAPTISTA, M. N. (1996). Adolescência, família e problemas no comportamento. **Psico-USF**, v.1, n.2, p. 83-91, jul/dez.

BORNHEIN, G. (1971). Sartre: metafísica e existencialismo. São Paulo-SP, Perspectiva.

BOTELHO, T.R. SOUZA, C. V. (2001). Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista de Estudos Feministas**. V. 9. n. 2. Florianópolis (SC)

BERQUÓ, E. (1998). Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. M. (org). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. Cia das Letras. São Paulo (SP)

BROWN-CHEATHAM, M. (1993). The Rorschach Mutuality of Autonomy Scale in the assessment of Black father-absent male children.. **Journal of Personality Assessment**. Vol. 61 (3), pp: 524-530.

BUCHER, J. SIQUEIRA, I.L.S.M. PINHEIRO, A.A.A. (1983). Ausência do Pai: uma introdução ao tema. **Revista de Psicologia**. p 107-122. jan/dez. 1983.

CANDIDO, A . (1951). “The brasilian family”. In: Smith, Lynn & Marchand, Alexandre (eds) Brazil portrait of a half a continent. N.Y: Dryden Press.

CARVALHO, L.A . (1990). “Reflexões sobre o Pai – um estudo sobre a construção da paternidade na história de vida e no desenvolvimento do sujeito.” Dissertação de Mestrado: IPUSP/USP. São Paulo (SP).

COSTA, G.P. KATZ, G. (1996). O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**. Vol XXX. Porto Alegre (RS).

COSTA, L. M. (1992). A família descasada: importância da função masculina para as filhas adolescentes..**Revista de Psicologia, Fortaleza (CE)**, V. 9 (1/2); p. 145-.p. 158. Jan/Dez, 1991/92.

DESSEN, M.A. & LEWIS. C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”?. In. Paidéia, FFCLRP, Fev/Ago 98. Ribeirão Preto-SP,

DONZELOT, J. (1980). A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro. Graal.

FORGHIERI. Y. C. (1993). Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, Métodos e Pesquisas. São Paulo. Pioneira.



FREYRE, G. (2002). Casa-grande & senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 46 ed. Rio de Janeiro – RJ/São Paulo - SP. Editora Record..

FRIEDMAN, A.S., ALI, A., MCMURPHY, S. (1998). Father absence as a risk factor for substance use and illegal behavior by the adolescent sons. **Journal of Child and Adolescent Substance Abuse**. Vol. 8 (2); pp. 79-95.

GABRIEL, S. P. (1997). When I had her, my life turned to hers.” : A phenomenological study of the perceptions of low-income single/sole-parents mothers in Appalachia of their communication with their adolescent children. In. Dissertations Abstracts International. V. 58. no. 6.

GOMES, W. B. (1998). Fenomenologia e Pesquisa em Psicologia. Porto Alegre (RS): Ed. UFRGS.

GORHAM, F-M. (1995). The effects of paternal absence and narcissism on romantic relationship of young women. Dissertations-Abstracts-International: Section B: The Sciences and Engineering. 1995 Dec; Vl. 56 (6-b). p. 3494.

JONES, K.A, KRAMER, T.L, ARMITAGE, T & WILLIAMS, K. (2003). The impact of father absence on adolescent separation-individuation. In. Genetic, Social, and General Psychology Monographs, v. 129, p 23-73.

KAYS, T.M. (1997). Differences in sex-role orientation and expression of emotion in adult males from father-absent and father-present homes. In. Dissertation-Abstracts-International:-Section-B:The-Sciences-and-Engineering. 1997 Mar.; Vol. 57 (9-B): p.5921.

LAING, R.D. (1991). O Eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura. 6 ed. São Paulo. Vozes.

LASCH, C. (1991). Refúgio num mundo sem coração. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

LOHR, S.S. & WASCH. E. E (1992) E a “Família Brasileira”?. **Revista Psicologia Argumento** – Ano X – no XII. Dez/1992.

MARTINS, J. BICUDO, M.A.V. (1994). A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. 2 ed. São Paulo (SP). Editora Moraes.

MASON, C. A., GAUCE, A. M., GONZALES, N. & HIRAGA, Y. (1994). Adolescent problem behavior: the effect of peers and the moderating role of father absence and the mother-child relationship. **American Journal of Community Psychology**. Vl. 22, n. 6, p. 723.

MAY, R. (1973). Psicología e Dilema Humano. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

PASCHALL, M. J; RINGWALT, C.L & FLEWELLING, R. L. (2003). Effects of parenting, father absense, and affiliation with delinquent perrs on delinquent behavior among African-American male adolescents. **Adolescence**, V. 38. I 149, p15-20.

SAMARA, E. M. (1992). Novas imagens da família “à Brasileira”. **Psicologia USP**, 3 (1/2), p. 59-66.

SARTRE, J.P. (1997). O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 5 ed. Petrópolis. Ed Vozes.



SILVA, A. S. B. P. (1991) “Papel da figura paterna na formação da personalidade: um estudo com adolescentes toxicômanos.” Tese de Doutorado: Psicologia Escolar. Ipusp/USP. São Paulo (SP).

SOUZA, R.M. (1998). Família, minha família, a família do papai, uma família sem papai, e outros desafios à compreensão infantil. **Psicologia Revista (7): 11-32.** dez. São Paulo-SP.

SZYMANSKI, H. (2000). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação.** São Paulo-SP. pp 193-215.

TILLICH, Paul. (1992). A Coragem de Ser. 5 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

WAGNER, A. RIBEIRO, L. S. ARTECHE, A. X. BOMHOLD. E. A. (1999) Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica,** Porto Alegre (RS), v. 12. n. 1, p. 147-156.